

FÁBULAS

ESOPO, LA FONTAINE, MONTEIRO LOBATO.

As fábulas não são textos que nasceram por acaso, sem nenhuma intenção. São criações muito antigas, contadas para transmitir ensinamentos, orientando as pessoas sobre comportamentos e atitudes relevantes à época e na sociedade em que viviam. Há referências a elas em textos mais antigos: os sumérios, em 2000 a.C., já as narravam; consta que eram conhecidas pelos hindus e muito apreciadas pelos gregos. Como já vimos, é grego o primeiro fabulista de renome: **Esopo**, que teria vivido em meados do século VI a.C. Quem conta ou escreve uma fábula tem alguma intenção, seja de ensinar, aconselhar, convencer, divertir, criticar e, às vezes, até fazer alguém desistir de um propósito ruim ou que não lhe era favorável. As fábulas **são narrativas curtas**, utilizando-se de **animais como personagens**, os quais assumem **características humanas** representando certas **atitudes e comportamentos** próprios dos homens, com o objetivo de passar uma de lição. O prestígio das fábulas nunca decaiu. No passado constituíam a literatura oral de muitos povos (eram transmitidas, a princípio, de boca a boca, de geração em geração; em locais públicos, como praças, festas populares ou salões de baile da época; só bem depois foram registradas por escrito).

No século XVII, escritores como La Fontaine, criaram novas fábulas ou recontaram antigas, em versos ou em pequenos contos em prosa. Monteiro Lobato, nos anos trinta, reescreveu muitas fábulas por meio da turma do Sítio do Pica-pau Amarelo. E, mais recentemente, inúmeros escritores se ocuparam da arte de atualizar essas histórias para deleite de todos.

In: Sete faces da fábula. Org. Márcia Kupstas. São Paulo: Moderna, 1992.

Esopo viveu no século VI a. C. Naquela época os povos se dividiam em dois grupos: os dominantes (mais fortes) e os dominados (mais fracos, ou escravos). Um queria dominar o outro. Só que naquele tempo, quando dois povos entravam em guerra, o que perdia virava escravo do outro, além de ter de pagar impostos ao vencedor. Era considerados “prisioneiros de guerra” (FERNANDES, 2003, p. 20). Qualquer pessoa vencida perdia sua liberdade e poderia ser vendida ou comprada por outra pessoa.

Esopo foi comprado por um mercador de escravos, o filósofo Janto de Samos e soube ganhar a estima de seu dono, que, impressionado com seu talento, concedeu-lhe a liberdade. As pessoas diziam “que ele era gago, corcunda, muito miúdo e feio”. No entanto, era muito inteligente e deixava todos espantados com o seu bom senso e sua esperteza. Ele gostava de dar conselhos por meio das fábulas (id. *ibid.*, p. 21).

Viajou por outras terras e ganhou grande prestígio com os reis, por causa de seus conselhos, dados, muitas vezes, por meio das fábulas. Em todas as cidades pelas quais passava, era muito considerado, recebendo sempre várias homenagens (FERNANDES, 2003, p. 20).

Esopo foi viver na ilha de Samos. Lá, “um rei de outras terras, chamado Cresos”, disse que todos teriam de pagar impostos para ele, caso contrário haveria guerra. A maioria da população concordou, intimidada. No entanto, Esopo foi consultado pelo povo, que lhe pediu conselhos. O fabulista disse que teriam apenas dois caminhos: “o da liberdade, cheio de lutas no começo, mas prazeroso no final”; e o da escravidão, “fácil no começo (era só pagar os impostos exigidos e ficar livre da guerra), mas difícil depois, porque significaria a perda da liberdade e a exploração, pois todos teriam de obedecer às ordens do rei para sempre” (FERNANDES, 2001, p.21).

Assim que Esopo falou ao povo da Ilha de Samos, os escravos resolveram não aceitar as ordens do rei Cresos. Este sabia que Esopo tinha parte na ação contra

ele e que lhe daria muito trabalho. Por isso tentou se livrar do inteligente escravo. Disse ao povo que se entregassem Esopo, em troca teriam a liberdade. Esopo também deu sua opinião sobre essa proposta. (FERNANDES, 2003, p. 21)

O povo não concordou em entregar Esopo. No entanto, ele foi conversar com o rei, que ficou admirado com sua inteligência e não mais quis invadir a Ilha de Samos. Muito bem, vocês se lembram quando Esopo viajava por muitas cidades? E sempre ele era muito bem recebido e admirado por todos? No entanto, quando visitou a cidade de Delfos, o povo não lhe rendeu homenagens e isso o deixou muito chateado. Então, Esopo zombou de todos, afirmando que os habitantes daquele lugar eram varas no mar: de longe, parecem valiosas; mas de perto não valem nada. É claro que todos ficaram irritados e, em razão dessa provocação, resolveu se vingar, escondendo um vaso sagrado junto aos seus pertences. Acusaram-no, então, de roubo. Tratado como um criminoso, foi condenado à morte (FERNANDES, 2003, p. 26)

Mesmo após a morte de Esopo, suas fábulas continuaram a ser contadas por outros fabulistas. Foram retomadas no século XVII por Jean de La Fontaine, o qual possui, também, muitas fábulas que ele próprio escreveu. Na França, no início do século XVII, muitos homens compreendiam que a “razão e as ações dignas, guiadas pela honestidade, justiça e bondade” eram comportamentos fundamentais a serem seguidos. Apresentavam-se histórias sobre “heróis belos e bons, leais e justos” e “quase sempre bem vence o mal” (FERNANDES, 2003, p. 28). Esse era o tempo dos poderosos reis, que possuíam “grandes extensões de terras”, enriquecendo-se com o suor do pobre homem do campo. Assim, como podemos imaginar, os pensadores da época, ao constatarem tantas injustiças, questionavam se os valores e as atitudes reveladas nas histórias eram seguidos no cotidiano das pessoas.

Disponível em: http://www.vidaslusofonas.pt/jean_de_la_fontaine.htm, acessado em 25 nov. 2014.

file:///C:/Users/Sugahara/Documents/NOVA%20ESCOLA/2014_uem_port_pdp_marlene_nasser_da_silva.pdf